

Aliados devem manter líderes em 1996

CONGRESSO

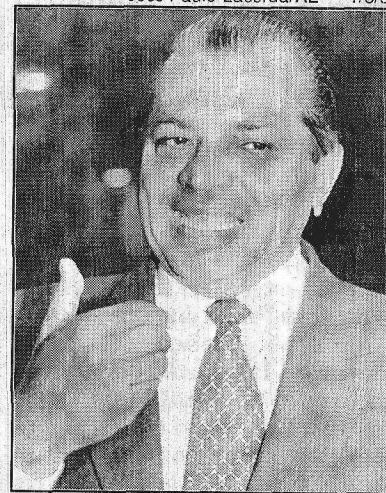
José Paulo Lacerda/AE — 1/8/95

Continuidade nos partidos governistas pode manter ritmo no andamento das reformas

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — Os três principais partidos da base de sustentação do governo na Câmara — PMDB, PFL e PSDB — deverão manter no ano que vem os atuais líderes, todos de grande influência sobre a bancada. Para o governo, a recondução de Michel Temer (SP) no PMDB, Inocêncio Oliveira (PE) no PFL e José Aníbal (SP) no PSDB significa a garantia de que não haverá problema para a continuidade das reformas constitucionais. Eles defendem as propostas de mudança e têm sido os principais responsáveis pela aprovação dos projetos.

Na da oposição, o PDT também não deve mudar o líder. A bancada de 26 integrantes do partido na Câmara está pedindo que Miro Teixeira (RJ) continue à frente da liderança. Miro ainda não deu uma resposta, pois tem planos de se candidatar a prefeito do Rio nas próximas eleições. O PDT decidiu que sua prioridade “número um” é a Prefeitura do Rio. Se sair candi-



O pefelista Inocêncio Oliveira

dato, Miro Teixeira não poderá ser reeleito. Neste caso, o cargo será disputado por Giovanni Queiroz (PDT-PA) e Márcia Cibilís Viana (DT-RJ).

O PT faz rodízio anual de líder. Três deputados estão na disputa pelo cargo de Jacques Wagner (BA): Marcelo Deda (SE), Sandra Starling (MG) e Milton Temer (RJ). Durante o ano em que ficou à frente da liderança do PT, Jacques Wagner seguiu a mesma linha do antecessor, José Fortunatti (RS), com muito diálogo. Wagner até avançou um pouco mais. Ad-

versários como Inocêncio Oliveira sempre elogiaram a “doçura” com que ele tratou todos os casos, mesmo quando não havia a possibilidade de acordo.

A disputa mais acirrada no PT está entre Marcelo Deda e Sandra Starling. Deda é da linha mais moderada, enquanto Sandra atua na esquerda do partido. Milton Temer corre em outra ala e sofre oposição principalmente do grupo do deputado José Genoíno (PT-SP). Temer não conta também com a simpatia de líderes dos outros partidos, porque, ao contrário da “doçura” de Jaques Wagner, faz política na base do grito.

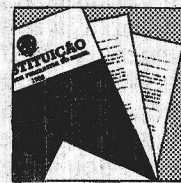
No PPB, que agora tem 87 deputados, a disputa deverá ficar entre os deputados Pauderney Avelino (AM), Eraldo Trindade (AP) e Francisco Dornelles (RJ). Pauderney é o presidente da Comissão de Economia, Indústria e Comércio da Câmara e há um ano trabalha para ser o líder do partido. Eraldo Trindade faz cam-

panha em silêncio. Toda quarta-feira reúne um pequeno grupo de parlamentares em sua casa para pedir votos. Dornelles já foi líder do PPR. Quer voltar.

O PC do B, outro que faz rodízio, ainda não definiu quem deverá ser o líder, no lugar de Aldo Rebelo (SP). O PSB deverá eleger Alexandre Cardoso (RJ) para a vaga de Fernando Lyra (PE). O PL poderá reconduzir Waldemar Costa Neto (SP). Partidos pequenos como o PPS e o PV não têm direito a líder.

A disputa pelo cargo é acirrada porque ser líder representa ter poder no Congresso, nomear liderados para todas as comi-

sões e, principalmente, ter amplas salas à disposição e passagens aéreas em dobro — o deputado comum tem quatro, de ida e volta, por mês. O líder conta com o direito de nomear pelo menos 11 assessores diretos, em cargo de comissão, e não tem limite de cota para telefone ou correios.



DISPUTA
AGITA
PARTIDOS
MENORES